



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

Era uma vez...

HISTORIA DA PASTORINHA

Por ZÉ D'ALDEIA (Da série C)

DESENHOS DE CASTAÑE



ERA uma vez uma menina de oito anos, que vivia numa aldeia de pastores, no cimo dum monte onde a neve branquejava todo o ano. Ficára sem pai nem mãe na idade de cinco anos.

O pai morrera devorado pelos lobos, numa noite de grande nevão, quando regressava, com o seu rebanho, à aldeia. Sua mãe, pobre e doente, sucumbira

pouco depois, vitimada por uma pneumonia.

Ora os habitantes dessa aldeia, onde a neve branquejava todo o ano, eram todos muito pobrezinhos, mas, como todos os pobrezinhos, tinham bom coração. Após a morte da mãe da pequena Maria, assim se chamava a heroína do nosso conto, reuniram-se todos e resolveram socorrer a pequena Maria, cada um com o que pudesse.

Assim, a pequena Maria andava de casa em casa, uma semana numa, outra semana noutra, e assim ia vivendo e crescendo.

A sua orfandade, a compreensão da sua desdita, adocara-lhe extraordinariamente o carácter; a bondade de Deus, conforme ela ia crescendo, conferia-lhe as mais mimosas graças. Era linda como uma rosa, terna como uma pomba, e bondosa como o são todas as pessoas a quem Deus dotou com um coração sensível. Todos os pastores e pastoras a adoravam e respeitavam, como se adora e respeita uma santinha.

E' que Maria, apesar da sua tenra idade, tinha palavras tão ponderadas, dava conselhos tão prudentes, como se fôra já uma pessoa de idade avançada. Nas horas vagas cantava, ou quando lh'o pediam os habitantes da sua aldeia, que nunca se cansavam de ouvir as suas melodias cheias de melodia e ingenuidade.

Os anos foram correndo, e com eles a adoração que todos lhe votavam.

Tinha, então, 18 anos.

Cabelos loiros como os trigais maduros, olhos azuis, como o céu de Abril, corpo esbelto e bem torneado, lábios rubros como bagos de romãs, numa palavra, Maria era uma obra prima da Natureza, cheia de viço, de graça e de alegria.

Um dia um dos seus protectores, possuidor dum grande rebanho, adoeceu quando estava para partir com o seu rebanho para o monte. A neve caía em abundância; o frio era intenso.



E o pobre homem gemia no leito, lamentando não poder ir com o seu rebanho para a costumada pastagem:

— Oh! homem — dizia a mulher — o gado não morre por um dia a menos de pasto.

— Tu dizes bem, mulher, mas e porque ainda te não faltou um dia só o pão de cada dia.

Do curral partiram, nesse momento, diversos: Mé! Mé! Mé!

— Valha-me Nossa Senhora do Socorro, proferiu o pobre pastor, Maria, que se conservava impassível, não se pôde conter por mais tempo, e disse:

— Não se apoquente, tio Manuel, que eu vou pastorejar o gado.

(Continua na pag. 8)



Modestia e o Orgulho

POR

FERNANDO R. BARRAGAO
DESENHOS DE A. CASTANÉ

NUMA aldeia, quasi ignorada d'este nosso tão lindo Portugal, havia, unicamente, dois pontos brancos que, de longe, se distinguiam, dentro o espesso tapete de verdura que revestia a colina. A primavera acordara!

Chilreavam os passarinhos, entre os rebentos verdes das arvores onde êsses pequeninos seres se balouçavam, e já o sol, ridente, parecia saudar a natureza.

Esses pontos brancos que alvejavam dentre o conjunto de belezas naturais, não eram mais que o aglomerado das casas dos aldeãos, e a igreja; o outro, aquele onde se busca a luz e onde, enfim, acabam tantas superstições: — a Escola.

E' nesta última que vamos, finalmente, encontrar os dois pequenos heróis d'este pequeno conto assás singelo.

Um dêles, Licínio, parecia ter nascido num ambiente fidalgo, quer pelo seu orgulho quer pela altivez com que encarava os condiscipulos.

O outro, conhecido, entre os rapazitos mais humildes, pelo Tó, era uma criança pobre, des-

calça, de camisinha de chita, filho dum trabalhador rural e de uma lavadeira. Mas a pobreza não o tornava invejoso nem mau, antes pelo contrário: era amigo de praticar o bem, obediente e aplicado. Por isso, tinha na es-



cola a afeição dos seus professores, no campo a amizade de todos os seus conterrâneos e em casa o amor de seus pais. Se entrássemos no seu quarto veríamos sôbre uma mesa já velha, os seus livros, embora já usados, bem arrumadinhos, sem uma

folha solta. «E como arranjaria êle dinheiro para êsses livros, se seus pais eram pobres e não lhos podiam comprar?»

Tó gostava de satisfazer, qualquer pedido que lhe fizessem e, assim, quando a Ti'Ana lhe dizia: — O' Tó! Vais mercar-me meia quarta de café? Ele acedia, de bom grado. E, à volta, lá caíam da mão da boa Ti'Ana, um ou dois tostõezinhos para êle.

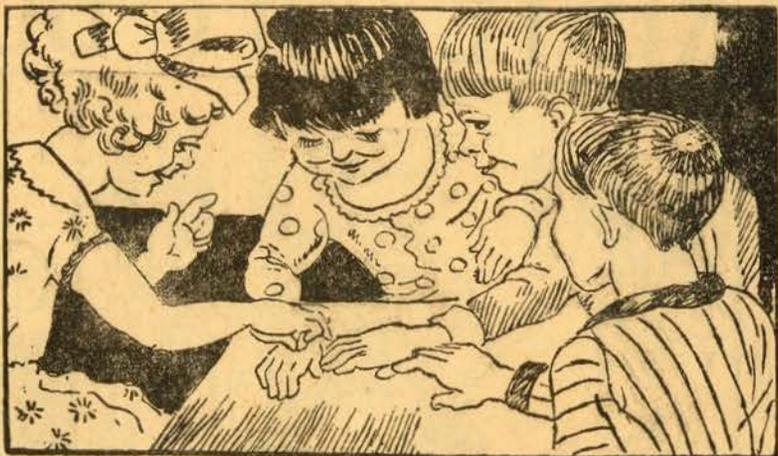
Outras vezes, ao chegar a casa, ouvia o pai contar à mãe: — Eh Maria! Se soubesses o que o professor do nosso Tó me disse! Que era pena o nosso cachôpo não seguir os estudos!...

Ao contrário, Licínio, como era rico, tinha quanto lhe apetecia em objectos úteis e, até, outras vezes, comprava cousas inúteis, mas, mesmo nisso, empregava a sua excessiva vaidade. Por exemplo:—Tó e os outros rapazes pobres brincavam com bolas de papel ou de trapo, ao passo que Licínio tinha-as de borracha: Este comprava caixas de bombons e só os repartia com os companheiros ricos, desdenhando sempre dos rapazes pobres. Nunca tra-



O "PICO-PICO..."

Por ANGELO C. PEREIRA DE ALMEIDA — Série B



—«Pico, pico, sarolico
Quem te deu tamanho bico?»
E as unhas da Rosinha
Vão picando com gracinha.

Debicando, de um em um,
Vão seguindo, à roda, os dedos,
Té que a sorte calhe a algum
Que adivinhe os seus segrêdos.

—«Os cavalos a correr
E as meninas a aprender,
O que for o mais bonito
E' que se há-de ir esconder.»

E' o Zézito que tem de ir,
Pois foi a sua mãozinha
A última a ser picada
Pelas unhas da Rosinha.

E lá vai p'ra trás dum muro.
A Rosinha, então, combina
Com os outros, qual o nome
Que há-de ter cada menina.

E baixinho vai dizendo:
«Tu o rei; tu a princesa;

Tu o lindo rouxinol;
Tu o castiçal da mesa...»

Cada um vai decorando
O nome que ela vai dando.
«Vós o Tigre; o jacaré;
A pitada de rapé;

O tinteiro; o sór doutôr,
A santinha do andôr;
O sapatinho; a vassoura;
A talhada de cenoura;

O açafatinho de flôres;
O avó mais a avózinha...
E êste o cravo dos Amôres!»
Finalmente diz Rosinha.

—«Em que cavalo quiere vir?
—«No melhor que aí estiver.»

Diz, de lá, o escondido.
—«Pois escolha o que quiser:

A pitada de rapé?
Ou o tigre?... O jacaré?
O açafatinho de flôres?
... Quere o cravo dos amôres?»

—«Quero, sim.» Diz o Zézito,
Esperando p'lo «burrito».
—«Pois vinde p'lo vosso pè
Que vós soi-lo, dominé!»

E depois de todos rirem
E muito se divertirem
Recomeçam: «Pico, pico,
Quem te deu tamanho bico?...»

■ FIM ■

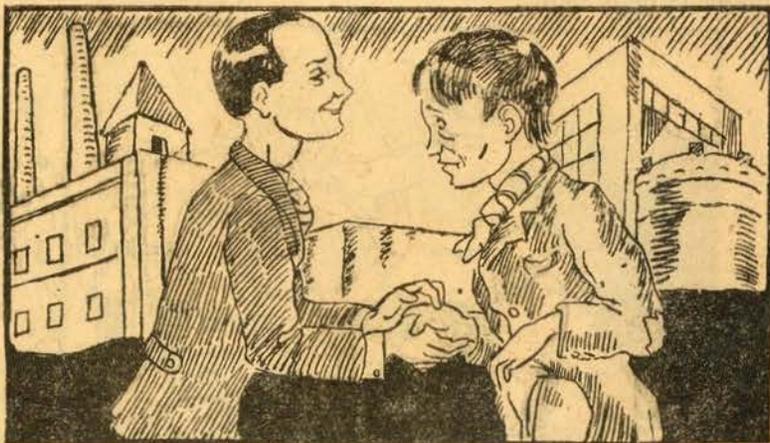
zia os sapatos sem serem engraxados, não queria fatos passajados, etc.

Tó, porém, contentava-se com os fatos remendados, mas limpos.

Com o decorrer do tempo Tó foi progredindo nos estudos, alcançando muitos conhecimentos e chegou a possuir, pela persistência no trabalho, uma importante fábrica que êle dirigia e donde obtinha bons lucros.

Licínio sentindo-se, agora, sem o pai com quem vivera outrora ricamente em seu solar, cercado de honrarias, devido a várias fatalidades: — doenças, incêndios, roubos e má administração, acabou na miséria, vendo-se, de repente, sem amparo e sem meios.

Tem já vinte e cinco anos e,



recordando-se dos tempos da escola primária, recorre hoje ao seu condiscípulo Tó, a-fim-de que êste lhe garanta um lugar modesto na sua fábrica. Tó, con-

doído da sua situação, abraça-o e dá-lhe boa guarida. E, assim, passaram a viver ambos felizes.
Quem trabalha tem alfaiá!

■ FIM ■

TRISTE FIM DE UMA CAMPANHA

POR MARIAZINHA :: DESENHOS DE CASTAÑÉ
DA SÉRIE A



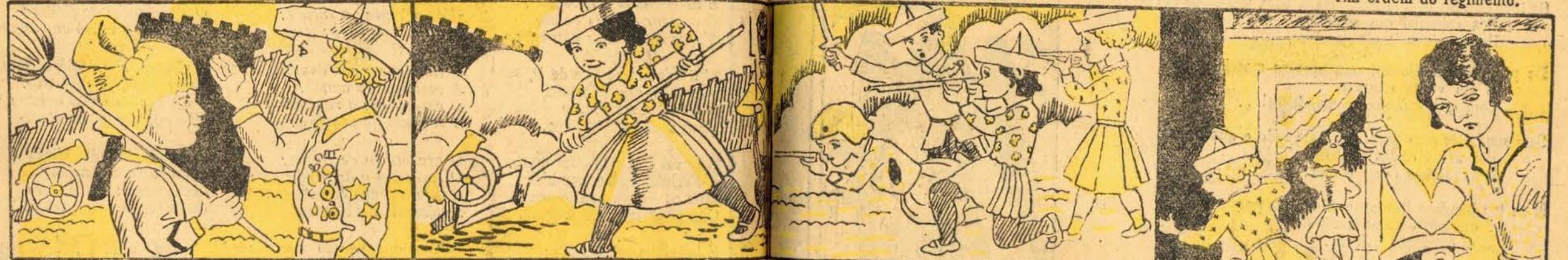
Tendo uma espada na mão,
Com seus olhos de marfim,
O nosso Zeca Leitão,
No seu cavalo de pau,
Faz lembrar Napoleão.

No braço, estrelas fulgentes,
No peito, grandes medalhas,
Com infundáveis pingentes;
Sinais de muitas batalhas,
De vitórias concludentes.

Com altivez de Nana,
Dá ordens, impedito,
A' Letinha, a' Nana
E mesmo ao Joanita
Que de ajudante ufana.

Até ao fim do suplício,
Quando debaixo de forma,
Em guerra ou em exercício,
Tem sempre a Nana, por norma,
Sujeitar-se ao sacrifício.

A Bitá é bom elemento,
Cumpre o serviço a primôr,
E, pelo comportamento,
Já mereceu um louvôr
Em ordem do regimento.



Irrequieta, traquina,
A Letinha sempre peca
Nas manobras ou fachina,
Fazendo afinar o Zeca
Com a sua indisciplina.

E' bolchevista, pimpão,
O Joanita gentil:
Quer que os brinquedos do irmão,
Muitos centos, quâsi mil,
Pertencam ao batalhão.

Após manobras semita,
De marchas e tiros,
O nosso homem deita,
E do descanso, no
Com pose os erros ta.

Passados poucos minutos,
Depois de curto intervalo,
Sempre afoitos, resolutos,
Montou o Zeca a cavalo,
Eles cercaram redutos.



O chefe espalhafatoso
Mas altivo e sempre belo,
Imponente e magestoso,
Mandou tomar o castelo
Num arranco audacioso.

Avançam, Em altos brados,
Dão uma carga tremenda;
E loucos, entusiasmados,
Nem ouvem a bulha horrenda,
De vidros estilhaçados.

Mas a mãe dandante,
Quando vê os partidos,
Ao chefe e ao estado,
Logo alcunha os partidos,
Mostrando tremblante.

Vem a mãe das lindas Graças,
A correr em alvorôço,
E, então, deixando as três praças,
Ao ver tamanho destroço,
Castiga-as com ameaças.

Assim a tropa famosa,
Capaz de grandes façanhas,
Até aí vitoriosa;
Terminou suas campanhas
Em derrota vergonhosa.

Carta para o Céu por Argentinita



Anjinho,
A cartinha que te escrevo, vem dar-te saudades minhas,

E será por andorinhas
Transportada para os Céus,

Aos céus para onde tu, em manhãzinha de Abril,
Partiste em vôo gentil
A beijar o próprio Deus!

Os teus bonitos brinquedos, jazem, hoje, abandonados
E a caixinha dos soldados,
Dos quais tu tanto gostavas,

De prefiilar, em fileiras, com aprumo marcial...
E em vosita triunfal
Com que garbo os comandavas!...

Sem saudades nem pesar, trocaste tudo o que tinhas
Por umas lindas àsinhas
Branquinhas como o luar!

E ao teu bondoso irmãositto, ainda tão pequenino,
Preferiste o Deus-Menino
Para com êle brincar!

Se soubesses, quanta pena, me faz ver tua caminha,
Abandonada, sòzinha,
No teu quartinho, tão lindo!

E o teu cavalinho branco, parece chorar, saudoso,
O donozinho formoso
Que tanto o montou sorrindo!...

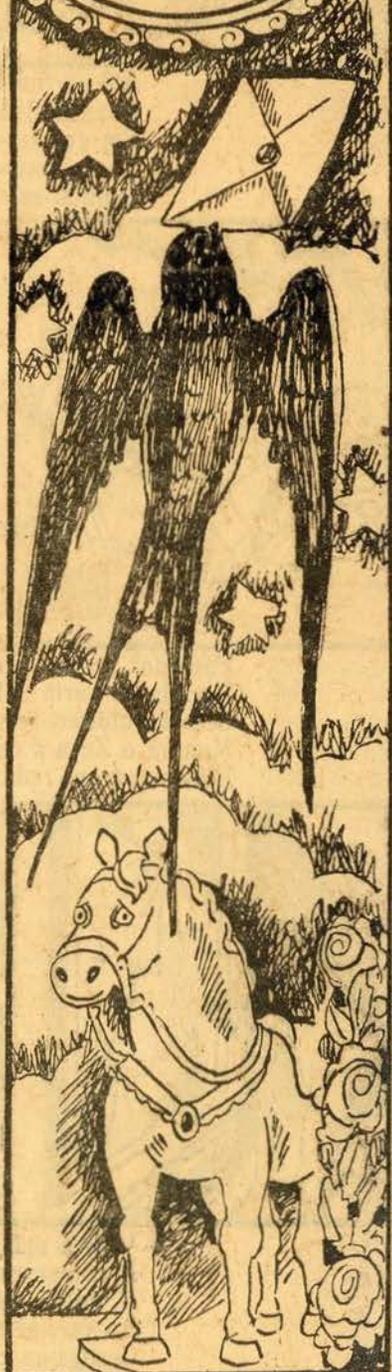
Mas escuta, anjinho, querido. (Anjo que recordo tanto
Porque eras o meu encanto!)
O que aqui te vou dizer:

Tira as àsinhas tão brancas, deixa tudo lá no Céu,
E volve ao regaço meu.
Como outróra... a adormecer!

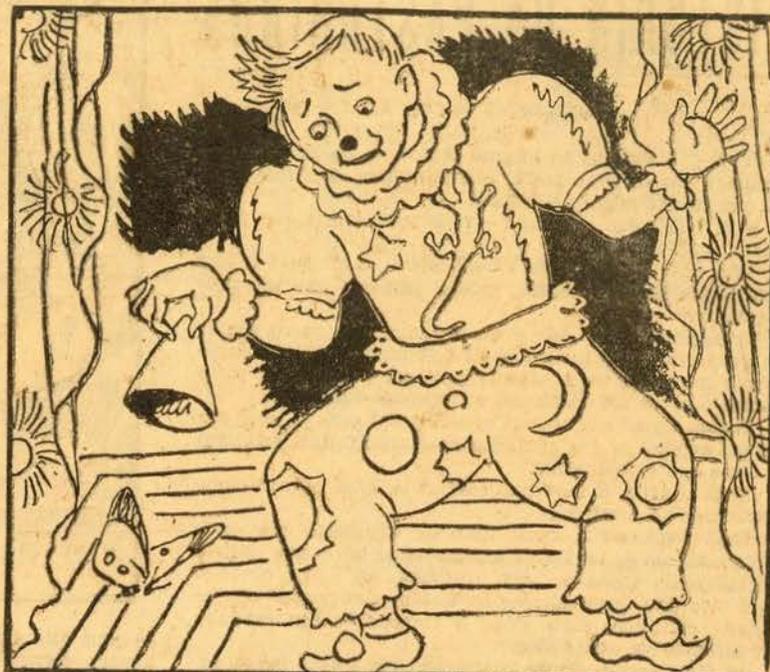
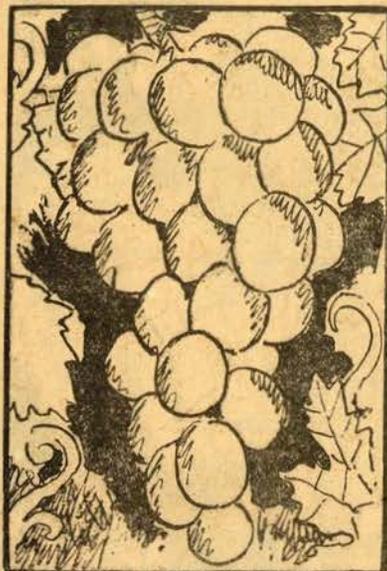
Regressa logo! Mas antes... avisa numa cartinha,
E pede a uma andorinha,
Que m'a traga no boquito.

E agora adeus! Até brevel... Dos teus manos e amiguinhos
Aceita muitos beijinhos
Lembranças do cavalito...

E um forte chi-coração da tua grande amiguita,
Que te lembra a toda a hora e te adora,



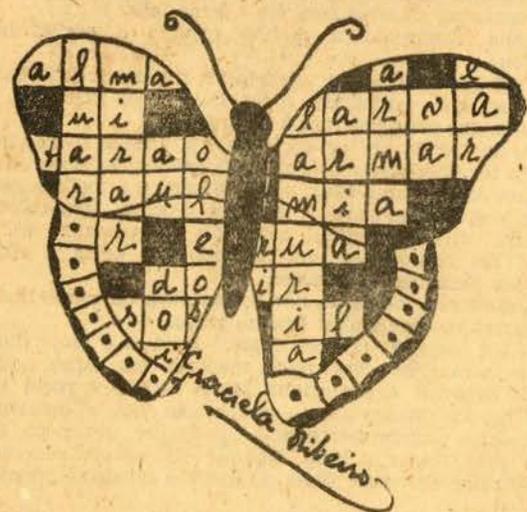
ADIVINHA PARA OS MENINOS COLORIREM



Vejam os meninos onde está o dono da vinha!

PALAVRAS CRUZADAS

CHARADAS



Solução do problema anterior

Qual é o nome de mulher formado pela madeira e pela nota musical? (2 sílabas).

Qual é a peça de vestuário formada pelo advérbio de lugar e pelo instrumento de lavoura? (2 sílabas).

Qual é a fruta, cujo nome lido às avéssas é perfume? (3 sílabas). *amora*

Qual é o verbo que lido às avéssas é o mesmo verbo? (1 sílaba). *rir*

Qual é a flôr que, com a inicial trocada, é sabôr amargo? (2 sílabas).

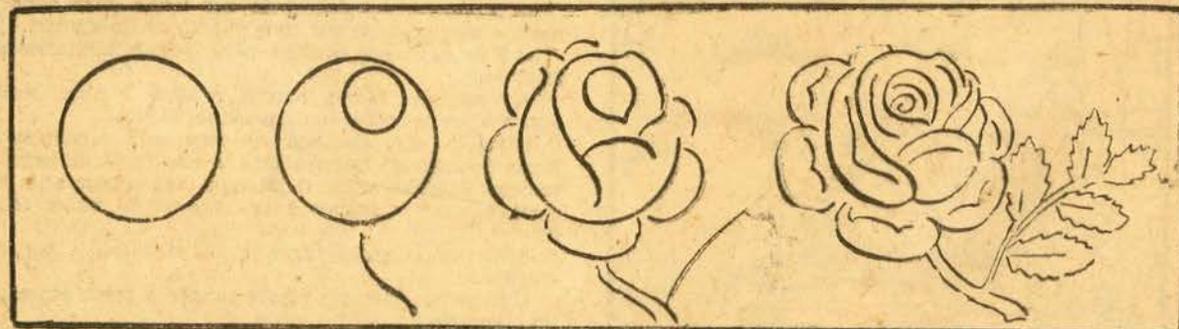
Qual é a árvore que é apelido? (3 sílabas). *carvalho*

Qual é a parte do corpo que tirada uma letra é uma fruta? (2 sílabas). *quim*

SOLUÇÕES DAS ANTERIORES

Ovo — Arábia — Nariz — Manga — Sol — Conto-Conta — Agosto.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



COMO SE DESENHA UMA ROSA

HISTORIA DA PASTORINHA

(Continuação da pag. 1)

Tu?!... disseram, ao mesmo tempo, o tio Manuel e a mulher! Nós consentimos lá que te afoites, com este tempo, por esses descampados fóra!

— E, então que tem isso? — respondeu Maria. — A mim quem me faz mal?

Pois não vai connosco o boim lebreu, o «Leão»? E não tenho, por essas paragens, tantos pastores que me protegeriam?

E pegando no cajado e no cobertor com que o pastor se resguardava das inclemências do tempo, sem dar ocasião a que lhe desse mais alguma palavra, partiu com o rebanho através dos caminhos cobertos de neve.

Andou léguas até encontrar um pasto onde a neve era menos expessa, o que permitiu aos carneirinhos matarem a fome que os consumia.

Caía a tarde. A neve não cessava de cair, branda como partículas de arminho.

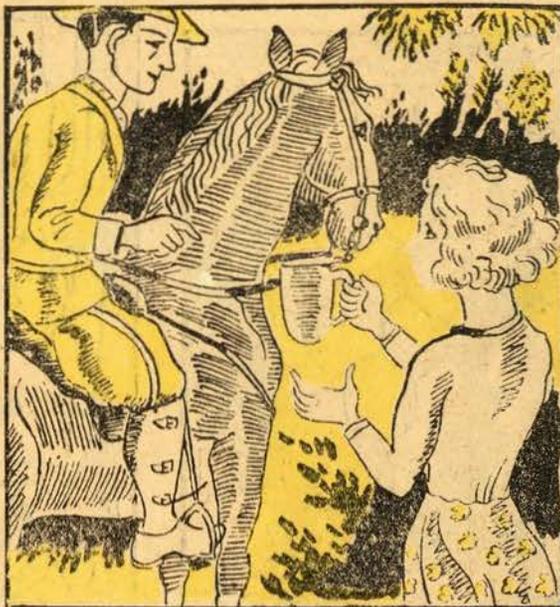
Quiz regressar a casa, mas os caminhos por onde viera estavam de tal forma atulhados de neve, que tinham desaparecido todos os seus vestígios. Ao longe ouvia-se já o uivo dum lobo esfomeado. Então, sem perder a serenidade, continuou, como pôde, a conduzir o seu rebanho na direcção da sua aldeia.

Já fazia escuro. Tinham chegado em frente duma capelinha, dentro da qual se albergava uma linda Virgem, que os pastores daqueles lugares tinham sempre rodeada de galas. A porta estava aberta. Entrou. Então, caindo de joelhos, disse, com os seus olhos puros e lindos pregados no rosto da linda Imagem:

— Senhora! Tende piedade desta humilde pastora, e do seu rebanho. Afugental para longe o perigo que nos ameaça, e daí força ao meu fiel «Leão»; defendei o meu rebanho da gula carniceira dos lobos esfomeados. Deixai-me ficar aqui, ao vosso lado, até aos primeiros alvares da madrugada.

E rezou com muita devoção. Finda a sua oração, encostou-se a um canto, cobriu-se com o cobertor e adormeceu com um cordeirinho ao pé, que, com ela, entrara na ermida.

Então, durante o seu sono, sonhou que a Virgem descerá do seu altar, e, tirando o seu manto azul, lhe cobrira



os seus pés frios como a neve que caía sempre e lhe dissera, sorrindo:

— Linda pastorinha! No meio do teu infortúnio, Deus tem sempre vindo em teu auxílio, porque és boa e o mereces.

A tua desdita vai acabar. Muito breve te aparecerá um príncipe, lindo como um anjo, que ficará preso aos teus encantos. Casará com ele e será feliz.

Vinha rompendo a manhã quando a pastorinha acordou.

O sol nascente punha, sobre neve, rutilações douradas. A porta da ermida, o seu fiel «Leão» guardava o rebanho, que se aglomerara à sua roda.

Partiu, depois de ter agradecido à Virgem o milagre de não ter sido atacada, como seus pais, pelos lobos esfomeados. Ao chegar a casa, o Tio Manuel e a mulher, que já se preparavam para ir em sua procura, com outros pastores, ficaram muito contentes ao verem-na sã e salva. Ela contou-lhes tudo, dizendo que devia a vida a Nossa Senhora do Socorro.

Passaram-se meses. Já não se lembrava do sonho lindo que tivera na ermida. Era no verão.

O sol caía a prumo. Nisto, ouviu-se o trote dum fozoso cavalo, no qual vinha montado um rapaz novo, muito elegante. A pastorinha Maria estava á porta da casa do Tio Manuel. Ao encarar com ela, o cavaleiro apiou-se e, cumprimentando-a, pediu-lhe um copo de água para matar a sede. Quando ela voltou, com um pucarozinho de barro, cheio de água, o cavaleiro perguntou-lhe!

— Dizei-me, linda pastorinha, és feliz, no meio destas montanhas, dos teus cordeirinhos e do teu lebreu?

— Muito, senhor, — respondeu ela.

— E se eu te levasse para o meu palácio, onde tudo é grandeza e conforto, aceitarias acompanhar-me como minha Esposa?

— Não trocava a felicidade que tenho, nem abandonaria o meu rebanho por tuco quanto há no mundo.

— E se eu ficasse contigo, para sempre, aceitarias ser princesa?

A pastorinha Maria, baixou os olhos, e disse, resolutamente, lembrando-se do seu sonho: — Sim!

Passados dias casavam na pequenina capelinha de Nossa Senhora do Socorro, com a assistência de todos os pastores daqueles sítios. O príncipe mudou para ali a sua corte, e viveram muitos anos no meio da maior felicidade.

Deste conto podeis tirar, meus meninos, a seguinte conclusão:

Uma pessoa virtuosa recebe sempre a recompensa das suas virtudes.